

CHÃO DE GIZ E MATERIARTE

Apreensão e representação criativa do espaço urbano

Ana Paula Nogueira¹
Luis Guilherme Aita Pippi²

Resumo

O trabalho visa propor uma metodologia de ensino por meio de percepção urbana e representação dos signos urbanos como forma ampliar o repertório e senso crítico dos acadêmicos para posterior atividade projetual. Usando como exemplos duas atividades de apreensão dos espaços urbanos da cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil, realizadas na disciplina integrada de Ateliê 5: Urbanismo, Paisagismo e Arquitetônico do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Maria. Através da análise, caracterização e representação dos ambientes urbanos edificados e livres de edificação, os acadêmicos puderam apresentar a dinâmica e diversidade urbana pelo registro de suas percepções, conceitos e representações em duas intervenções urbanas denominadas: Chão de giz e MateriArte. Dois diferentes impactos ocorreram nestas intervenções em termos de apreensão, representação, temporalidade e interações.

Palavras-chave: espaços livres, espaços edificados, percepção urbana, intervenção urbana.

Abstract

The work aims to propose a methodology through urban perception and representation of urban signs as a way to expand the repertoire and critical sense of the academics for later project activity. Using as examples two activities of apprehension of the urban spaces of the city of Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brazil, realized in the integrated discipline of Ateliê 5: Urban Design, Landscape Architecture and Architecture of the Course of Architecture and Urban Design of the Federal University of Santa Maria. Through the analysis, characterization and representation of urban environments built and public open spaces, academics were able to present urban dynamics and its diversity by recording their perceptions, concepts and representations in two urban interventions called: Chão de giz and MateriArte. Two different impacts occurred in these interventions in terms of apprehension, representation, temporality and interactions.

Keywords: public open spaces, urban environments built, urban perception, urban intervention.

¹ Mestre em Patrimônio Cultural pela Universidade Federal de Santa Maria (2011), Professora do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Luterana do Brasil (2012 – atual). É líder do grupo de pesquisa Teoria, História e Crítica da Arquitetura e do Urbanismo. Atua principalmente nos seguintes temas: Teoria, história e crítica da arquitetura, história da arte, patrimônio cultural, projeto de arquitetura, paisagismo e urbanismo, cinema, artes visuais e intervenções urbanas.

E-mail: anogueira.arq@gmail.com

² Doutor em Arquitetura e Urbanismo (Paisagem e Ambiente) pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAUUSP). Professor Adjunto Efetivo no Curso de Arquitetura e Urbanismo (CAU) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Coordenador do Grupo de Pesquisa Nacional QUAPÁ-SEL II, núcleo Santa Maria. Tem experiência na área de Arquitetura e Urbanismo, com ênfase em Arquitetura Paisagística, Desenho Urbano e Paisagem, Ecologia e Planejamento da Paisagem e Projetos de Arquitetura e Urbanismo.

E-mail: guiamy@hotmail.com

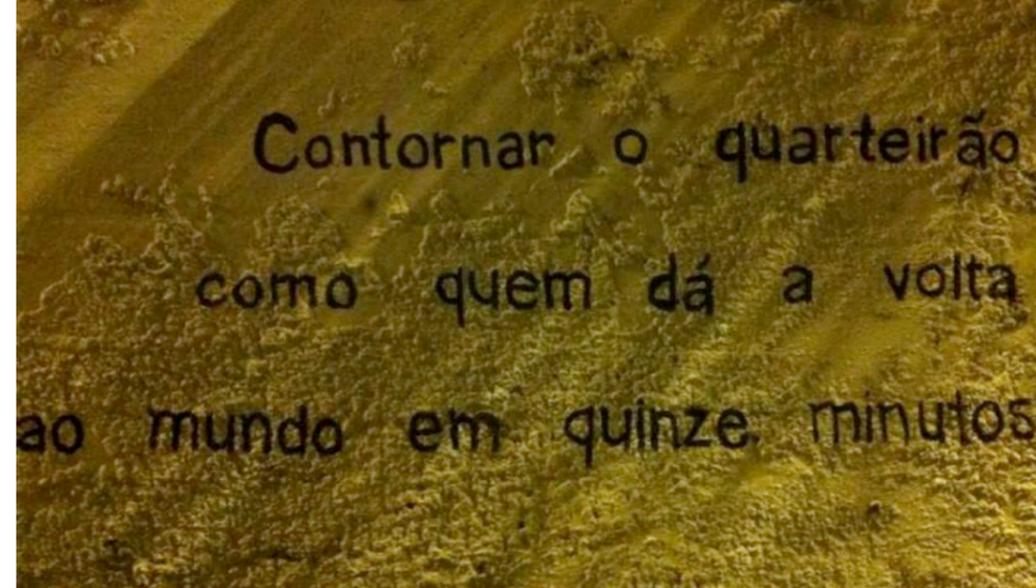


Figura 1 - Grafite no Muro da Mauá no Cais do Porto em Porto Alegre. Fonte: Nogueira, 2014.

Introdução

O presente artigo visa relatar uma experiência metodológica na disciplina de Ateliê de Projeto de Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo V do quinto semestre do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Maria. Os objetivos da disciplina são conhecer e aplicar as variáveis intervenientes na atividade de projetar espaços urbanos destinados à vivência comunitária, educativa, cultural, esportiva e/ou recreativa. O produto final consiste na proposta de um loteamento com usos diversos: moradias; escola pública de ensino fundamental, ruas, passeios públicos, praças e parque.

Dentro do processo metodológico de ensino e da disciplina está a busca de obras de referência e estudos de caso destinados aos temas a serem trabalhados no semestre. Para melhor percepção da problemática urbana, propõe-se uma viagem de estudos para Porto Alegre, onde serão visitados espaços livres e edificados que servirão de apoio referencial a projeção propriamente dita.

A viagem proposta estabelece um roteiro de dois dias onde, no primeiro dia, foram visitados os seguintes lugares: Escola Municipal de Ensino Fundamental Jean Piaget, Vila IAPI, Praça Shiga, Terceira Perimetral, Viaduto Borges de Medeiros, Escadaria da Rua Fernando Chagas Carvalho, Nova Holaria, Praça da Alfândega, Praça da Matriz; área externa do Multi-Palco; Mercado Público, Largo do Mercado Público e parágrafo do entorno; Chalé da Praça XV, Muro da Mauá, finalizando no Gazômetro. No segundo dia, o roteiro inicia no Parque Marinha do Brasil, seguindo para a Praça Itália, Parque Moinhos de Vento e finalizando no Parque Farroupilha.

Houveram momentos finais em cada dia onde os acadêmicos foram instigados, sem uma orientação prévia, a representar as suas percepções da cidade por meio de intervenções urbanas, cujo objetivo era tirar partido da espontaneidade da produção das intervenções que foram intituladas Chão de giz (desenho no chão do espaço público do Largo do Mercado Público, utilizando o giz escolar como material) e o MateriArte (produção de esculturas compostas por materiais encontrados no espaço público do Parque Farroupilha). O trabalho de ambas as intervenções foi o resultado de um exercício de percepção seguido da elaboração de conceitos que foram representados e com isso geraram interações com a comunidade, bem como despertaram a massa criativa, crítica e sensibilidade dos acadêmicos, que aplicaram essas percepções no desenvolvimento do projeto de ateliê em todas as suas etapas: Elaboração de conceito e diretrizes projetuais, partido arquitetônico e anteprojecto arquitetônico.

Proposta de intervenções urbanas, sensações e interações

A proposta do exercício de apreensão consistiu na percepção dos ambientes citadinos e toda sua complexidade pelos acadêmicos, inicialmente através do percurso de trajetória urbana previamente elaborada pelos professores, através dos quais foi possível identificar nos diferentes caminhos a revelação dos ambientes urbanos juntamente com toda sua dinâmica e ambiência junto a seus atores sociais, permitindo aos acadêmicos sentirem os variados ambientes, através das inter e intra-experiências criadas, mesmo que temporárias, numa dinâmica de usos propiciadas pela análise crítica, espacial, interacional e temporal com fatos, situações e trocas nestes percursos, possibilitando sensações e percepções interpretações e reinterpretções. Segundo Ferrara (2000, p.15) “por meio da apreensão da imagem urbana e sua visibilidade como reconhecimento da imagem local e sua identidade global é possível captar momentos sociais e culturais por meio de representações e percepções”. Os espaços edificados e os espaços livres são representações de momentos sociais específicos e sobreposições de complexidades de períodos históricos diversos que compõem um mosaico de signos urbanos. Através das metáforas propostas por Calvino (1990, p. 17), percebemos que ao interpretar os signos urbanos “os olhos não vêem coisas, mas figuras de coisas que significam outras coisas” as quais representam a dinâmica construída e modificada pelos atores sociais. Segundo Ferrara (2000, p.60):

É possível perseguir caminhos que nos permitem entender a fase de um processo de transformação urbana, suas características e, sobretudo, o papel que desempenha na teia dos significados urbanos. Essas imagens são signos que representam um conjunto de características, representam concentrando, adensando, às vezes, apenas sugerindo.

Segundo Jacobs (2003, p. 159) “as cidades grandes são geradoras naturais de diversidade, e fecundas incubadoras de novos empreendimentos e idéias de toda a espécie”, usos mistos (diferentes idades, sexo, raça e camadas sociais), densidade e dinâmica urbana e ativa vida pública que em suma funcionam como uma gama de ambientes impulsionadores da atividade criativa e crítico-analítica.

A percepção dos espaços urbanos complexos e dinâmicos, ora ordenados e ora caóticos são ferramentas de construção da criação projetual e sensibilização por meio do entendimento das problemáticas urbanas e da construção dos espaços, bem como sua utilização cotidiana por diferentes atores sociais. Extrapolando o espaço confinado de ensino em Arquitetura e Urbanismo, de forma a ir diretamente na dinâmica urbana e vivenciar todos seus processos, suas essências, suas sensações e interações e então possibilitar o registro de toda a apreensão urbana e suas experiências, através da representação conceitual criativa e interativa.

O exercício se constituiu da seguinte forma: no final do percurso de cada dia os acadêmicos, sem conhecimento prévio, receberam a proposta de traduzirem por meio de desenho (Chão de giz) e escultura (MateriArte) uma síntese urbana através das suas percepções. Este processo – discussão e criação conceitual, espacialização, interação e observação – teve a duração de duas horas por atividade, para o registro espontâneo e dinâmico das atividades.

A intervenção do primeiro dia: Chão de giz

Após o percurso do primeiro dia, os professores instigaram e descreveram as características dos elementos urbanos e a dinâmica no local da apreensão Chão de



- Largo do Mercado Público e Praça do Chalé
- Local de Intervenção Chão de Giz



giz: Largo do Mercado Público e Chalé da Praça XV, que se constituem como uma área urbana que embora possibilite áreas de contemplação, apresenta um uso intensivo de passagem de diversos atores sociais e comércio formal e informal, além disso, o contraste dessas atividades com o entorno edificado que, representa um Patrimônio Cultural da cidade, demonstra, de forma emblemática, as contradições urbanas.

Os alunos divididos em 4 grupos de 5 pessoas e foram instigados a representar, a partir de croquis e palavras-conceito o registro das percepções dos mesmos com relação aos ambientes urbanos e a imagem e significados da cidade, a partir da caminhada anterior ao exercício. Foi necessário que houvesse uma interação entre os membros de cada grupo para que, a partir da percepção de cada um houvesse a representação de imagens que contemplassem a construção de conceitos e da percepção de todos.

Figura 2 - Mapa de localização da área de intervenção.
Fonte: Pippi, 2014

Figura 3 - Chão de giz tempo 1 (antes da intervenção).
Fonte: Pippi, 2014.

Figura 4 - Chão de giz tempo 2 (início da intervenção).
Fonte: Pippi, 2014.

Figura 5 - Chão de giz tempo 3 (após a intervenção).
Fonte: Pippi, 2014.

Segundo Ferrara (2000, p. 45):

[...] a representação a partir da imagem é uma forma de representabilidade de conhecimento que situa o estudo da linguagem, da ambiência da cena urbana e/ou da representação da cidade no âmago dos caminhos mais atuais da produção científica que se manifesta através do conhecimento e interpretação dos significados da cidade.

A intervenção foi de caráter efêmero, mas que teve um impacto na apropriação e interatividade social urbana durante todo processo se firmou contexto diferente da cena urbana cotidiana que se desenvolve no lugar. A partir do momento que os alunos iniciaram essa atividade, exatamente em frente à fachada principal do Mercado Público, próximo aos esguichos de água ali existentes, houve um período de “parada”³ urbana que impulsionou novas formas de apropriação do lugar e também trocas entre os grupos e destes com os usuários que mudaram a sua dinâmica: ao invés de apenas passar pelo lugar, começaram a parar no lugar para observar e conversar curiosos com os alunos e discutir sobre os significados das representações que ali surgiram e também manifestando as suas percepções e opiniões a respeito dessas representações. Nesse sentido, um lugar que se configurava como apenas uma passagem urbana, passa a se configurar como um lugar de pausa e interações críticas e artísticas.

Porém, passado o momento da intervenção, os diversos usos que dão ao lugar esse tom de contraste e passagem retornaram como se a intervenção urbana não houvesse acontecido, como um período de tempo congelado que não faz parte da passagem cotidiana. Acentuando esse tom de contrastes, no dia posterior à intervenção, que era um sábado, este espaço passou a ser utilizado como estacionamento de veículos, comprometendo toda a dinâmica anterior, o uso e apropriação de pessoas que ali aconteceu, desvalorizando o patrimônio histórico do entorno e comprometendo as ações da vida pública.

A intervenção do segundo dia: MariArte

Após o percurso do segundo dia, finalizado no Parque Farroupilha, que foi o local da apreensão da intervenção MateriArte, foi realizada intervenção por meio de uso de elementos naturais e reciclados encontrados no lugar para construir esculturas urbanas que representassem a imagem urbana do percurso realizado nesse dia.

O local escolhido para a intervenção, nesse caso, foi a área que interliga o arco de acesso à pracinha, que é mais resguardado e com pouca passagem de pessoas comparado ao largo do Mercado Público. No Parque, as interações são diferentes por se tratar de um lugar com mais atividades de lazer, recreação e descanso.

Outra diferença importante da atividade desse dia foi que, diferente da representação bidimensional, a representação tridimensional solicita um processo diferente. Para espacializar o conceito e seus significados os acadêmicos tiveram que uma hora para coleta de materiais naturais (folhas, sementes, galhos, água, entre outros) e reciclados (tampinhas, copos plásticos, papel, garrafas, objetos perdidos, entre outros), após a discussão intra-grupos, dos conceitos e significados da caminhada pelos ambientes urbanos que antecedeu o exercício.

³ Grifo dos autores. Parada, nesse caso, refere-se ao sentido de pausa, propiciando um momento de contemplação e interação com o ambiente urbano.



Parque Farroupilha
Local de Intervenção MateriArte



O grande grupo de acadêmicos foi separado em quatro grupos de 5 pessoas, a fim de possibilitar variadas apreensões urbanas. Abaixo verificamos as caracterizações das atividades dos grupos e suas percepções e sensações durante as intervenções. As descrições apresentadas foram construídas pelos próprios acadêmicos após realizarem os exercícios.

As impressões dos grupos

Para melhor compreender o modo como cada grupo percebeu a cidade e como foram dadas as representações, vamos descrever as percepções e resultados de cada grupo, que denominamos grupos A, B, C e D. Dessa forma, esperamos demonstrar de forma

Figura 6 - Mapa de localização da área de intervenção. Fonte: Pippi, 2014.

Figura 7 - MateriArte tempo 1 (antes da intervenção). Fonte: Pippi, 2014.

Figura 8 - MateriArte tempo 2 (início da intervenção). Fonte: Pippi, 2014.

Figura 9 - MateriArte tempo 3 (após a intervenção). Fonte: Pippi, 2014.

mais clara as percepções e interpretações que obtidas, apontando a variedade de resultados que tivemos.

Apreensões e formas de representação do grupo A

No depoimento do grupo A, sobre a intervenção Chão de giz no largo do Mercado Público, foi relatado que, no início, houve a sensação de constrangimento por desenhar no chão de um dos lugares mais movimentados de Porto Alegre. O grupo foi o último a começar seu desenho, apresentando uma dificuldade inicial em transpor as percepções para o desenho. A ideia do resultado final só pode ser sintetizada a partir da compreensão de que o Mercado Público e a orla do Guaíba são pontos bastante conhecidos da cidade, que unem uma boa parte da cultura e diversidade da capital. O desenho foi construído, então, a partir do elemento central do desenho: a fachada do mercado público e os chafarizes na calçada, exatamente no local onde estava ocorrendo a intervenção. Além disso, foram desenvolvidas pelo grupo as seguintes palavras chave:

- **Educação:** A palavra refere-se à importância da educação e à valorização das instituições de ensino, pesquisa e extensão e a preocupação dos alunos com a degradação de diversos espaços públicos da cidade.
- **Descaracterização:** Notada, por exemplo, no conjunto residencial vila do IAPI, que possui um grande valor histórico e cultural para cidade, mas que passa constantemente por alterações que valorizam pouco as características originais do conjunto.
- **Dialética entre o Novo e o Antigo:** Porto Alegre, que conta com muitas áreas históricas, mas que vive constantemente o dilema na forma construir, reformar, requalificar, criar novos espaços, sem que haja uma descaracterização do antigo. A Usina do Gasômetro é um dos espaços históricos da cidade que, por meio de reformas ao longo dos anos, conta com um grande número de atividades e usuários e, mesmo que o uso da edificação tenha sido modificado, ainda há informações e imagens que remetem ao antigo uso.
- **Intervenções:** Ao projetarmos e construirmos uma cidade, os seus usuários são capazes de modifica-la de acordo com suas necessidades e apropriações. De acordo com o grupo, o muro da Mauá é um bom exemplo disso: o projeto “Arte no Muro”⁴ traz a visão de diversos artistas para o lugar, onde podemos observar várias formas de expressão e percepção da cidade.
- **Pressa x Fluxos:** a cidade de Porto Alegre configura-se, dentre outras características, por sua densidade, diversidade populacional, multi-funções e dinâmicas urbanas. O grupo, ao se deslocar do viaduto da Borges até o Mercado Público, se deparou com um grande número de pessoas e diversos meios de transporte. Esse caos criado na cidade provoca pressa em todos que estão se deslocando e conseqüentemente os espaços tornam-se apenas lugares de passagem. De acordo com os alunos, dessa forma perdemos muito do que as paisagens podem nos proporcionar em termos de contemplação e interpretação.

⁴ O projeto Arte no Muro foi uma atividade, ocorrida em 2014, do Festival Internacional de Cultura Livre (FicLivre) que integrava a programação do Fórum Social Temático: Justiça Social e Ambiental e teve a organização da Associação Riograndense de Artes Plásticas Francisco Lisboa – Chico Lisboa, do Instituto Estadual de Artes Visuais, da Secretaria de Estado da Cultura – SEDAC com a parceria com a Prefeitura Municipal de Porto Alegre e o apoio das tintas Coral. Anualmente o projeto recebe novas edições com os mais diversos participantes.



Figura 10 - Intervenção do Grupo A. Fonte: Pippi, 2014.



Figura 11 - Intervenção do Grupo A. Fonte: Pippi, 2014.

- **Sem Prumo:** Essa expressão foi usada por uma pessoa que acompanhava os grupos enquanto desenhavam em frente ao mercado público após constatar que os prédios desenhados não estavam alinhados. A observação reflete as diferentes percepções dos indivíduos frente às coisas, enquanto que a intenção do grupo era retratar os edifícios de uma forma mais livre, a percepção por parte do observador, nesse caso, era de que o desenho estava errado. O uso da palavra aparece aqui como uma forma de incentivo à criatividade, indicando que a percepção do espaço é mais profundo do que apenas o registro por meio das linhas retas dos edifícios.

O grupo finalizou apontando que a ideia era a de destacar diversos elementos que sintetizassem o que foi percebido na cidade durante a caminhada. Um hexágono é criado para lembrar a planta dos blocos da escola visitada pela manhã, e em cada um dos seis lados é colocado uma das palavras-chave. Dentro desse espaço foi disposto o skyline do Cais do Porto, o conflito automóvel x pessoas, as grandes edificações, as escadarias, a grande massa de vegetação presente na cidade e as indústrias.

Após o término dos desenhos, o grupo se distanciou do local para observar a reação das pessoas que passavam por lá. Muitos paravam para olhar, crianças apontavam para os desenhos no chão, enquanto outros caminhavam sobre os desenhos sem perceber o que estava ali.

Para a Intervenção MateriArte feita no Parque Farroupilha, o grupo destacou a reflexão da importância de espaços verdes, áreas de convivência e de como estamos carentes desses lugares em Santa Maria, então, a proposta foi chamar a atenção dos usuários do Parque da Redenção para a importância de usufruirmos daqueles espaços. A maior dificuldade nessa segunda intervenção foi encontrar materiais presentes no parque que pudessem virar arte. Foram recolhidos objetos que foram jogados pela população ao longo do parque e esse material encontrado foi transformado em um boneco, pois seria a forma mais fácil de chamar a atenção de quem fosse passar pelo local. O boneco segurava um papel com a frase: olhe para cima e aprecie o espaço ao seu redor. Nesse caso, o objetivo de provocar curiosidade foi alcançado pois boa parte das pessoas que passavam param para observar o boneco.

Figura 12 - Intervenção do Grupo A.
Fonte: Pippi, 2014.



Figura 13 - Intervenção do Grupo A.
Fonte: Pippi, 2014.



Apreensões e formas de representação do grupo B

O grupo B destacou o fato de Porto Alegre ser uma das maiores cidades do país e a capital do Rio Grande do Sul, o que contribui para que Porto Alegre seja uma cidade multifacetada. Alguns dos lugares visitados permitiram permitiriam ao grupo uma total imersão, pois se tornavam acessíveis por serem projetados, sombreados, mobiliados e pavimentados; enquanto outros não possuíam essas características e se tornavam menos acessíveis. Dessa forma, o grupo optou por retratar os aspectos que se destacaram, tais como: o contraste na skyline entre o centro histórico na Av. Mauá e as áreas vizinhas altamente urbanizadas, e a relação desse contraste com o Guaíba; a presença de água em lugares como a Praça Shiga que tornou o ambiente mais agradável, convidativo e interativo; a vegetação, que se apresenta de diversas formas e densidades, sendo, em alguns espaços, suficiente e possibilitando a permanência de pessoas no local como no IAPI, embora em outros sendo insuficiente ou mal planejada como a Praça Leonardo Macedônia; também foi destacado o sol, representando a sua importância na caracterização dos espaços públicos, mas que em algumas circunstâncias tornando-os inabitáveis; um hexágono representando a escola visitada, que possui uma organização não convencional e por isso pode ser uma referência, e também a multiplicidade da cidade como um todo. Por fim, foi feito o desenho de uma pegada, que se refere a todos os caminhos percorridos, sendo alguns não projetados para uso de pedestres e que se tornavam desconfortáveis e complexos.

Para a Intervenção MateriArte o grupo escolheu um ponto no espaço que servisse de encontro de vários caminhos, permitindo que diversas pessoas, que estivessem realizando atividades variadas (brincando no playground, sentados no mobiliário na periferia do parque ou na grama) passassem por ali e vissem e pensassem sobre a composição. Foram representados os monumentos presentes em alguns dos parques muitas vezes marcando eixos centrais; o uso da bicicleta como um elemento que se destaca nos locais visitados; os diversos tipos de vegetação ou a falta da mesma; o espelho d'água que se apresentou em alguns espaços preservado e em outros não, e a diferença que causava tanto no conforto térmico quanto na composição da paisagem; e os elementos coloridos de diversos materiais (plástico, borracha, tecido) representando as pessoas ocupando os espaços e as diversas atividades que elas realizam.



Figura 14 - Intervenção do Grupo A.
Fonte: Pippi, 2014.



Figura 15 - Intervenção do Grupo A.
Fonte: Pippi, 2014.

Apreensões e formas de representação do grupo C

Para o Chão de giz, o grupo C representou o skyline da cidade vista do Rio Guaíba e também o contexto urbano tão diverso em Porto Alegre. Também foi apontada a mistura de pessoas que há na cidade e que, por conseguinte, frequentavam a frente do Mercado: pessoas de todas as idades, gêneros e cores. Do mesmo modo, não ficou de fora a densa massa vegetativa contida nos parques, muito presentes na cidade. No desenho, a representação da Praça da Matriz devido a sua importância histórica e sua localização no centro da cidade e seu eixo radial, o monumento a Júlio de Castilhos, a Catedral Metropolitana ao fundo e demais edifícios históricos que circundam a área.

Já na segunda intervenção MateriArte, foram utilizados galhos e conferidos a eles uma forma arqueada representando a densa massa vegetativa dos parques visitados que formavam "túneis verdes"⁵ nos percursos. Os elementos presos aos galhos representavam as intervenções existentes na cidade, como os tênis pendurados nas árvores do Parque Marinha do Brasil. Um balanço pendurado embaixo dos galhos representa o barulho constante das crianças brincando nas pracinhas.

Apreensões e formas de representação do grupo D

Para o Chão de giz, o grupo D representou aquilo que mais chamou a atenção dos membros do grupo em Porto Alegre: o skyline; a arborização da cidade; a grande presença de parques, praças e demais locais públicos para lazer e recreação; a arquitetura, que abrange desde edificações mais antigas, passando pelos vários prédios visivelmente modernistas do centro até construções mais contemporâneas; o traçado da cidade em torno do Guaíba; entre outros aspectos. A cidade foi representada a partir da perspectiva de uma Porto Alegre cosmopolita e plural e o exercício despertou curiosidade na população que circulava no local: muitos paravam para olhar, perguntavam do que se tratava, tiravam fotos.

Para a intervenção MateriArte, a intervenção representou a diversidade através do uso de galhos, flores, folhas e água dos lagos da Redenção em uma escultura que

⁵ Grifo nosso.

Figura 16 - Intervenção do Grupo A.
Fonte: Pippi, 2014.



Figura 17 - Intervenção do Grupo A.
Fonte: Pippi, 2014.



demonstrou os eixos do parque e as espécies vegetais típicas também em toda a cidade de Porto Alegre. Em comparação à experiência de Porto Alegre do chão de giz, o exercício na Redenção, por ser um local onde as pessoas naturalmente realizam atividades diferentes, não foi muito notável em meio ao fluxo das pessoas. Alguns perguntaram do que se tratava a intervenção, porém a escultura foi percebida apenas por poucos transeuntes mais atentos.

Considerações finais

Todos os grupos tiveram uma intenção comum em ambas intervenções: atrair atenção do olhar do cidadão usuário para com os ambientes urbanos edificados e livres. Tais atos promoveram, incentivaram e aguçaram o olhar dos usuários para com as intervenções dos acadêmicos, gerando interações que resultaram num olhar mais reflexivo e perceptivo por parte dos alunos em relação a cidade e seus espaços, o que influenciou no modo como a prática de projeto foi desenvolvida ao longo do semestre. Nas duas atividades, por meio da metodologia utilizada, os alunos desenvolveram um maior entendimento da dinâmica da cidade e suas urbanidades e, dessa forma, ao projetar ambientes urbanos, haverá uma maior ressignificação da cidade.

O grupo A demorou para partiu de uma reflexão inicial para depois aplicar os conceitos discutidos e representados nas intervenções, absorvendo a essência do exercício: percepção, criação de conceito, representação e interação. A composição do desenho desse grupo, na primeira intervenção, partiu da organização por um hexágono com 6 palavras que representassem suas ideias e, dentro desse hexágono foram expressadas a materialização dessas ideias conceito. Para o MateriArte, o grupo criou um boneco escultura, representando cada usuário da cidade, de forma a chamar a atenção dos transeuntes, ao contrário dos demais grupos que usaram elementos e desenhos de objetos construídos que remetem aos espaços livres e edificados da cidade. Além disso, o grupo conseguiu sintetizar verbalmente por meio da construção de uma frase manifesto a ideia motriz.

O grupo B, na primeira intervenção, espacializou os elementos percebidos sem a aplicação dos conceitos, e com isso sem uma metaforização dos elementos percebidos e sua representação simbólica na cidade de Porto Alegre. Para o MateriArte, o grupo uniu vários elementos que representassem de suas percepções acerca dos espaços

motivados pela localização da intervenção: ponto de cruzamento dos caminhos de saibro do parque.

No caso do grupo C, os alunos partiram da percepção do skyline da cidade de Porto Alegre em seu desenho e também da diversidade de pessoas (idades, gêneros e cores) e representativa massa vegetativa da cidade (parques e praças) o que demonstra um olhar amplo sobre a diversidade. Para a intervenção no parque Farroupilha, o grupo conseguiu se expressar de forma mais clara em termos da metaforização conceitual dos elementos percebidos, tais como: um galho arqueado representando os túneis verdes vistos nos parques e ruas da cidade, lixos pendurados nos galhos referendando a diversidade de intervenções artísticas na cidade (grafite, Muro da Mauá, exposições artísticas e manifestações do espaço público).

O grupo D teve a mesma percepção do grupo C na primeira intervenção e não estabeleceram um conceito específico, apenas representaram os elementos percebidos através do desenho. Porém, para a segunda intervenção, o grupo conseguiu estabelecer um conceito sobre a diversidade dos ambientes e dos usuários da cidade utilizando uma escultura com galhos, folhas, flores e água encontradas no parque.

Dois grupos escolheram caminhos de passagem para a espacialização da segunda intervenção: grupo A e grupo D, no piso de saibro do Parque Farroupilha. O Grupo C escolheu um local de estar, espacializando sua obra em cima de um banco de madeira. O grupo B escolheu uma área de cruzamento intenso de pessoas, perto do playground no piso de saibro.

Grupo B foi mais intensivo na utilização de elementos e desenhos de objetos construídos representativo dos espaços livres e edificados para a segunda intervenção do que os demais grupos, que buscaram conceitos e metáforas para expressar suas percepções. No largo do Mercado Público a intervenção Chão de giz provocou maior impacto e interações do que a intervenção MateriArte no Parque Farroupilha. Isto se deve ao fato de que no parque Farroupilha acontecem mais dinâmicas de uso e apropriação que são próprios do espaço e da identidade, tanto do parque com seus ambientes polivalentes, quanto pelas características do público que é mais diversificado. Nesse caso, as características dos elementos urbanos e dinâmica das relações no espaço público propiciaram um lugar de permanência, pausa e contemplação mais diversificados do que o largo do Mercado Público onde aconteceu a intervenção Chão de giz. Isto resultou em diferentes impactos e interações.

No caso do Mercado Público, por se tratar de um espaço central com fluxo intenso de passagem e menos possibilidades de uso, a intervenção Chão de giz se destacou com mais eficácia no que tange as trocas entre a comunidade e os acadêmicos, porque houve uma problematização da intervenção e discussão crítica. Talvez devido ao fato de uma atividade de interação ser mais corriqueira em uma área de um parque do que num espaço livre de passagem circundado do patrimônio cultural da cidade.

Por outro lado, perceberam-se limitações em função do pouco tempo que pode ser destinado a permanência nos ambientes de cada intervenção, bem como as trocas entre os acadêmicos e os usuários. Se houvesse mais tempo para se observar o impacto de ambas intervenções, os acadêmicos poderiam ter percebido de forma mais profunda o resultado do impacto gerado. A atividade foi espontânea, sem um planejamento prévio - tanto das atividades, quanto dos materiais necessários para a aplicação e espacialização - o que resultou numa efemeridade das intervenções num período muito curto de permanência das intervenções no espaço.

A atividade propiciou a percepção do espaço livre público e edificado, sensibilização de usos, promoção de conhecimento e massa crítica quanto a ambiência e dinamismo

do espaço urbano. Extrapolar a criatividade através da utilização de poucos recursos e curto espaço de tempo que resultou numa maior liberdade de criação e formas de expressão.

O respectivo trabalho abordado colaborou para a execução do processo projetual da disciplina com diferentes proposições projetuais em cada área de conhecimento: urbanismo, paisagismo e arquitetônico levando-se em conta os condicionantes naturais, construídos, os visuais e as conectividades da paisagem e do tecido urbano pré-existent da área de intervenção e em diferentes momentos das etapas projetuais guiados pela a seguinte tríade do processo projetual: conceito, forma e função. Inicialmente pela aplicação de novos conceitos-chave que foram aplicados no lançamento e organização das ideias e diretrizes iniciais (partis), direções, repertórios e nas espacializações e atribuições de possíveis usos e zoneamentos até então não imaginados, de forma a comunicar o projeto inicial através de diferentes formas de expressão: diagramas-conceituais, definição de conceitos, eixos imaginários, zoneamento, evolução da proposta. Posteriormente pode-se aplicar a tríade projetual através dos estudos espaciais volumétricos e de conectividades da paisagem (natural e/ou construída), estudos da edificação escolar com maquetes esculpidas em massa de modelar ou sabão, estudos compositivos gramaticais volumétricos em segunda e terceira dimensão para a praça (exercício de vegetação, “areia” e elementos construídos, exercício compositivo e análise formal volumétrica e conectividades espaciais relacionais) aplicáveis a cada área de conhecimento e com o input visual de simbologias representacionais identificados pelos novos conceitos formulados e pela a descrição da sensações dos ambientes propostos e a relação e representação entre interior e exterior, flexibilidade e permeabilidade entre os ambientes de forma a relacionar as percepções, ações projetuais em potencial, os atributos espaciais e funções de cada ambiente e posteriormente as técnicas construtivas (infraestrutura verde, laje jardim, telhado verde, parede vertical, cobogós, piso-grama entre outros).

Acredita-se que o repertório e vivências construídas estarão refletidas na produção acadêmica da disciplina de Ateliê 5, visto que esse embasamento torna o processo crítico e criativo mais rico, dinâmico e com maior liberdade criativa e projetual em termos de representação no âmbito projetual do urbanismo, paisagismo e arquitetônico. Percebe-se que a metodologia abordada constituiu uma forte referência na memória dos alunos enquanto percepção e representação urbana que poderá ser aplicada também em outras disciplinas do curso de Arquitetura e Urbanismo.

“Contornar o quarteirão como quem dá a volta ao mundo em quinze minutos”, a frase estava escrita no muro da Mauá, que fez parte do percurso do primeiro dia. Tal sentença, demonstra como, mesmo num pequeno percurso urbano, existe uma riqueza de imagens, dinâmicas e detalhes que permitem variadas interpretações que podem gerar discussões coletivas de percepções individuais. Essa construção coletiva de percepções apresenta uma riqueza de elementos e sensações que demonstram que um pequeno percurso pode representar vários significados, ou seja, um universo de informações e significados que podem ser percorridos e depois representados nas mais variadas escalas, demonstrando que, não importa o tempo ou tamanho do percurso, mas sim o olhar e a reinterpretação de significados e conceitos, bem como suas representatividades criativas. A mensagem no muro tem um peso enquanto forma de expressão criativa que promove a reflexão crítica da cidade e, por isso, seu registro, feito ao acaso, consegue traduzir o significado e a essência de ambos os exercícios.

Agradecimentos

Aos acadêmicos da disciplina de Ateliê 5, 2014-1 do Curso de Arquitetura e Urbanismo da UFSM que participaram ativamente e receptivamente nas atividades propostas de intervenções urbanas: Chão de giz e MateriArte.

Referências

ABDO, Rudayna; BATZEL, Geoffrey. *Planning the Modern Arab City: the Case of Abu Dhabi*. In: Page, Max; Mennel, Timothy (editors). *Reconsidering Jane Jacobs*. Copyright by American Planning Association, Chicago, EUA, 2011.

CALVINO, Ítalo. *As Cidades Invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

FERRARA, Lucrécia D'Alessio. *Os Significados Urbanos*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: FAPESP, 2000.

JACOBS, Jane. *Morte e Vida nas Grandes Cidades*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.